



DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O TEMPO QUE SE PERDE

LUIZ ANTONIO AGUIAR

conforme a nova ortografia da língua portuguesa

ea
editora ática

O tempo que se perde
© Luiz Antonio Aguiar, 2008

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabricao Waltrick
Editora assistente	Malu Rangel
Seção "Outros olhares"	Ricardo Lísias
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Cláudia Cantarin Luciene Lima

ARTE	
Editor	Antonio Paulos
Ilustrações	Samuel Casal
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Studio 3
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A26g

Aguiar, Luiz Antonio, 1955-
O tempo que se perde / Luiz Antonio Aguiar. – 1. ed. – São Paulo:
Ática, 2008.
128p.: il. – (Descobrimdo os Clássicos)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-11964-6

1. Machado de Assis. 2. Esaú e Jacó 3. Memorial de Aires. I. Título. II. Série
08-2353. CDD: 869.98008
CDU: 821.134.3(81)-8(082)

ISBN 978 85 08 11964-6 (aluno)
ISBN 978 85 08 11965-3 (professor)
Código da obra CL 736367

2010
1ª edição
2ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2008
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O TEMPO QUE SE VIVE

Você está com este livro nas mãos. Talvez tenha observado a ilustração da capa, imaginando o que o enredo abordaria. Depois deve ter dado uma folheada e, agora, está prestes a começar a história. Mas, antes, tem isto: ainda precisa *perder tempo* lendo o texto de apresentação.

Mas que tempo perdido é esse? Será que o melhor é se livrar das coisas correndo para poder fazer cada vez mais coisas, cada vez mais rápido? E qual a importância delas? Afinal, o tempo vai mesmo depressa, dias correm um depois do outro irremediavelmente, e, quando se vê, a vida é que passou.

Resta saber se todo tempo, quando lembrado, traz felicidades, saudades, risadas e – quem escapa disso? – tristezas. Memórias de quem viveu com a intensidade que se dá aos únicos momentos (a única volta na montanha-russa; a mais estonteante vista do mar na curva da montanha; o último parágrafo de um bom livro), aquela intensidade capaz de congelar instantes especiais.

Já que não podemos segurá-lo, talvez o tempo deva ser feito apenas de momentos escolhidos por nós, dedicados ao que queremos viver. Vinicius de Moraes (1913-1980) diz que “há o tempo e o contratempo/ a felicidade e a dor/ eu por mim não tenho tempo/ o meu tempo é só de amor”. Essa é uma parte do poema que se chama “Tempo de solidão”. Nele

o poeta está triste, procurando um amor – e vendo o tempo, palpável e cruel, já que solitário, passar sem nenhuma graça.

Mas não basta apenas escolher momentos especiais. É preciso ser corajoso para bancar as escolhas, assumir um amor sem medo do sofrimento que ele possa trazer. Às vezes até parece mais fácil morrer para evitar a escolha, como Flora, de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis; ou então negar qualquer tipo de aproximação, como Conselheiro Aires, narrador de *Memorial de Aires*, derradeiro romance machadiano.

É a história do Conselheiro Aires, inclusive, que faz com que Nãima, protagonista do livro que você está prestes a começar, reflita sobre o momento que está vivendo: seu pai, que fugira da cidade antes que a menina nascesse, está de volta, querendo recuperar o tempo sofrido. Nãima precisa decidir se aceita conhecer Paulo e o amor que ele tem a oferecer. Será que mais tarde ela vai preferir lembrar o tempo vivido ou o tempo passado?

Você verá nas próximas páginas. Nãima conta com a inestimável ajuda do avô, que lhe apresenta as obras de Machado de Assis, companheiras e guias em suas escolhas.

A partir de agora, você tem todo o tempo do mundo para fazer desta leitura algo inesquecível.

Os editores

Os trechos de *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* foram extraídos das edições publicadas pela Ática na série Bom Livro (respectivamente 12ª edição, 7ª impressão; 6ª edição, 7ª impressão).

SUMÁRIO

1	Cheiro de segredos	11
2	A Pousada do Conselheiro.....	14
3	Onde o passado não se perde	22
4	Memorial do cozinheiro.....	30
5	Esquisitices do conselheiro.....	35
6	Flora e os gêmeos	42
7	Esse Paulo	51
8	Estado de sítio	57
9	O <i>Memorial</i>	60
10	O que os homens chamam de amor... ..	65
11	“E num recanto pôs um mundo inteiro”.....	72
12	A vida é boa	77
13	Senhor Candongas	81
14	Pai & Filha.....	87
15	Uma semana depois.....	90

16	Variações sobre o tempo que se perde	95
17	Uma figura à parte	101
18	O temo que não nos permitimos perder	110
19	Na Flipinha.....	118
 Outros olhares sobre <i>Esau e Jacó e Memorial de Aires</i>		 123



Campos achava grande prazer na viagem que íamos fazendo em trem de ferro. Eu confessava-lhe que tivera maior gosto quando ali ia em caleças tiradas a burros, umas atrás das outras, não pelo veículo em si, mas porque ia vendo, ao longe, cá embaixo, aparecer a pouco e pouco o mar e a cidade com tantos aspectos pinturescos. O trem leva a gente de corrida, de afogadilho, desesperado, até a própria estação de Petrópolis. E mais lembrava as paradas, aqui para beber café, ali para beber água na fonte célebre, e finalmente a vista do alto da serra, onde os elegantes de Petrópolis aguardavam a gente e a acompanhavam nos seus carros e cavalos até à cidade; alguns dos passageiros de baixo passavam ali mesmo para os carros onde as famílias esperavam por eles.

Campos continuou a dizer todo o bem que achava no trem de ferro, como prazer e como vantagem. Só o tempo que a gente poupa! Eu, se retorquisse dizendo-lhe bem do tempo que se perde, iniciaria uma espécie de debate que faria a viagem ainda mais sufocada e curta. Prefери trocar de assunto e agarrei-me aos derradeiros minutos, falei do progresso, ele também, e chegamos satisfeitos à cidade da serra.

Machado de Assis, *Memorial de Aires*



• 1 •

.....
Cheiro de segredos
.....

A mão do hóspede recém-chegado começou a tremer quando, preenchendo a ficha sobre o balcão de recepção da pousada, deteve a caneta sobre o espaço em que deveria declarar qual seria seu próximo destino. De repente, sorriu consigo mesmo, ergueu a cabeça, e foi aí que deu com o olhar de Téo, intrigado, observando-o.

– É só escrever para onde o senhor vai depois daqui – disse o garoto.

– Eu sei – disse o hóspede, emitindo um suspiro e voltando o olhar para o teto. Mas sorriu ao dizer: – Esse é que é o problema. Daqui, posso não ir para lugar nenhum.

– Como assim? – perguntou Téo, achando graça no jeito que o homem falou... como se não estivesse dizendo aquilo a ninguém, olhando para o nada; como se fosse algo que acabasse de descobrir e comentasse consigo mesmo.

– Posso ficar aqui... – respondeu o homem.

– Quer dizer que o senhor talvez fique morando aqui?

– Isso mesmo. Talvez... para sempre.

– Bem... – o rapaz apertou os lábios. – Pode deixar em branco, então. Ninguém vê essas fichas mesmo, depois que a gente guarda.

– Ah... Então para que eu estou preenchendo essa coisa?
Téo deu de ombros:

– Sei lá. A ordem que eu tenho é entregar ao hóspede que chega, pegar de volta e enfiar numa pilha na gaveta.

O homem ficou olhando para o rapaz, quase gozador, por dois segundos. Depois, com todo cuidado, desenhou um ponto de interrogação no espaço que faltara preencher, na ficha, e a entregou.

– Obrigado, seu... Paulo... Ou é *doutor* Paulo...? – Téo não conseguiu ler o sobrenome: era um garrancho.

– Como você preferir... Vou dar uma volta por aí. Pode levar minha mala para o quarto?

– Claro, seu Paulo...

Ele tinha cerca de cinquenta anos. Provavelmente, um pouco mais. Os cabelos eram prateados e cheios. O rosto tinha traços bem definidos, fortes, angulosos. Era mais para alto, mais para robusto. Tinha uma voz agradável, grave e pausada. Téo reparou que ele arfava um pouco, ou talvez fosse cansaço da chegada.

– Sabe – disse Paulo, olhando vagamente para a rua através da janela –, é uma bênção de vocês poderem morar num lugar como este.

– Paraty é muito linda mesmo! – disse Téo. – É *Patrimônio Histórico e Artístico Nacional!* Candidata a *Patrimônio da Humanidade!*

O homem sorriu de novo:

– Eu sei... Muito linda... Mas tem um tesouro especial, para mim... É um lugar onde o passado não se perde!

Foi a vez de o rapaz sorrir. Gostou da frase.

– ... o passado não se perde... – repetiu.

– Isso mesmo! – disse Paulo. – E tanto, que vou reencontrá-lo. Hoje mesmo, talvez.

O rapaz dessa vez não entendeu. Paulo completou: